



<http://www.valdeci.bio.br/revista.html>



Macroprojeto Bio-Tanato-Educação: Interfaces Formativas
Projeto de Criação e Editoração do Periódico Científico Revista Metáfora Educacional
(ISSN 1809-2705) – versão on-line
Grupo de Pesquisa Bio-Tanato-Educação: Interfaces Formativas
Autoria: Prof.^a Dra. Valdecí dos Santos

Revista indexada em:

NACIONAL

Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES / Ministério de Educação (Brasil) - **Qualis 2013** (atualizado em 27/set./2015): Ciências Biológicas: Ciências Biológicas II (**C**), Ciências Humanas: História (**B4**), Ciências Humanas: Psicologia (**B4**), Ciências Humanas: Educação (**B4**), Linguística, Letras e Artes: Letras/Linguística (**C**), Multidisciplinar: Ensino (**B2**) -

<https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/veiculoPublicacaoQualis/listaConsultaGeralPeriodicos.jsf>

GeoDados - <http://geodados.pg.utfpr.edu.br>

INTERNACIONAL

CREFAL (Centro de Cooperación Regional para la Educación de los Adultos en América Latina y el Caribe) - <http://www.crefal.edu.mx>

DIALNET (Universidad de La Rioja) - <http://dialnet.unirioja.es>

GOOGLE SCHOLAR – <http://scholar.google.com.br>

IRESE (Índice de Revistas de Educación Superior e Investigación Educativa. Base de Datos sobre Educación Iberoamericana) - <http://iresie.unam.mx>

LATINDEX (Sistema Regional de Información en Línea para Revistas Científicas de América Latina, el Caribe, España y Portugal) - <http://www.latindex.unam.mx>

REBIUN (Red de Bibliotecas Universitarias Españolas) - <http://www.rebiun.org>

n. 20 (jan. - jun. 2016), jun./2016 – Pesquisas

Artigo recebido em 28/fev./2016. Aceito para publicação em 28/maio/2016. Publicado em 25/jun./2016.

Como citar o artigo:

LEITÃO, Wanderleia Azevedo Medeiros; GONÇALVES, Terezinha Valim Oliver. Educação inclusiva no instituto de educação matemática e científica da universidade federal do Pará: em busca do fazer pedagógico inclusivo. **Revista Metáfora Educacional** (ISSN 1809-2705) – versão *on-line*. Editora Dra. Valdeci dos Santos. Feira de Santana – Bahia (Brasil), n. 20 (jan. – jun. 2016), 25 jun. 2016, p. 67-100. Disponível em: <<http://www.valdeci.bio.br/revista.html>>. Acesso em: DIA mês ANO.



n. 20 (jan. – jun. 2016), jun./2016 – Pesquisas

EDUCAÇÃO INCLUSIVA NO INSTITUTO DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA E CIENTÍFICA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ: EM BUSCA DO FAZER PEDAGÓGICO INCLUSIVO

INCLUSIVE EDUCATION IN MATHEMATICS EDUCATION INSTITUTE OF SCIENTIFIC AND FEDERAL UNIVERSITY OF PARÁ: IN SEARCH OF INCLUSIVE EDUCATIONAL

68

Wanderleia Azevedo Medeiros Leitão

Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo – USP – BR 

Docente da Escola de Aplicação da Universidade Federal do Pará – UFPA – BR 

E-mail: wandyme@yahoo.com

Terezinha Valim Oliver Gonçalves

Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP – BR 

Docente da Universidade Federal do Pará – UFPA – BR 

E-mail: tevalim@yahoo.com.br

RESUMO

O presente artigo trata de parte de uma pesquisa desenvolvida durante o estágio pós-doutoral, junto ao Instituto de Educação Matemática e Científica da Universidade Federal do Pará, na linha de pesquisa Formação de Professores, no período de agosto de 2014 a dezembro de 2015, com o objetivo geral de realizar estudos e investigar práticas de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva, tendo como suporte dizeres de estudantes e o projeto pedagógico do Curso de Licenciatura Integrada do IEMCI-UFPA, com vistas a contribuir com a prática docente, voltada para a inclusão escolar. Para tanto adotamos a pesquisa – ação, a qual foi consolidada por meio de observações, roda de conversas, realização de entrevistas, de oficina, de palestra, assim como estudo bibliográfico e documental. Os resultados obtidos apontam as teorizações dos estudantes sobre a Educação Inclusiva e a Educação Especial. Com base nas análises e reflexões que fizemos, considerando-se o que estava estabelecido nos documentos que regem o referido Curso, e considerando-se os dizeres dos estudantes é possível confirmar, que por meio das vivências dos estudantes durante o processo de formação, o Curso de Licenciatura Integrada, mesmo não dedicando em seus eixos temáticos conteúdos específicos da área da Educação Especial, no que diz respeito às deficiências, aos transtornos globais do desenvolvimento e às altas habilidades, dedica uma atenção especial direcionada à educação inclusiva ao possibilitar estudos e reflexões sobre a diversidade e as diferenças de forma interdisciplinar. Com isso podemos concluir que há intenções de formar estudantes capazes de contribuir com a inclusão de todos, independentemente de suas características individuais.

LEITÃO, Wanderleia Azevedo Medeiros; GONÇALVES, Terezinha Valim Oliver. Educação inclusiva no instituto de educação matemática e científica da universidade federal do Pará: em busca do fazer pedagógico inclusivo.



n. 20 (jan. – jun. 2016), jun./2016 – Pesquisas

Amparadas em suas vivências cotidianas de formação, foi possível identificar ricas reflexões a respeito do Curso Licenciatura Integrada em Educação, em Ciências, Matemática e Linguagens do IEMCI e nesse sentido foram apresentadas maneiras singulares e plurais que permeiam o vivido e o concebido dos fazeres de quem ensina e de quem aprende, assim como foram pontuadas reflexões, no sentido de atuação e intervenção em escolas regulares, visando atender as diferenças, presentes em cotidianos escolares diversificados e assim consolidar a educação inclusiva.

Palavras-chave: Educação Inclusiva. Dizeres de Estudantes. Formação Diferenciada.

69

ABSTRACT

This article is part of a research developed during the post-doctoral stage, with the Institute of Mathematics Education and Science of the, Universidade Federal do Pará, in the search line Teacher Training for the period from August 2014 to December 2015, with the overall goal of studying and researching special education practices in the context of inclusive education, supported sayings of students and the pedagogical project of the course Degree Integrated the IEMCI-UFPA, in order to contribute to the teaching practice, focused on school inclusion. Therefore we adopted the action - research, which was consolidated through observations, conversations wheel, interviews, workshop, lecture, as well as bibliographic and documentary study. The results point the theories of students on Inclusive Education and Special Education. Based on the analyzes and reflections made, considering what was established in the documents governing the said course, and considering the words of the students are able to confirm that through the experiences of the students during the training process, Integrated Degree course, while not dedicating in its thematic content specific axes of special education, with regard to disability, the pervasive developmental disorders and high skills, pays special attention directed to inclusive education by enabling studies and reflections on diversity and differences in an interdisciplinary way. With this we can conclude that there are intentions to train students capable of contributing to the inclusion of all, regardless of their individual characteristics. Supported in their everyday experiences of training, it was possible to identify rich reflections on the course Degree Integrated Education in Science, Mathematics and Languages of IEMCI and in that singular and plural ways were presented that permeate lived and designed the doings of those who teach and learners, as well as reflections were scored in the sense of action and intervention in mainstream schools to meet the differences present in diverse school every day and to reinforce inclusive education.

Key-words: Inclusive Education. Student Sayings. Differentiated Education.

LEITÃO, Wanderleia Azevedo Medeiros; GONÇALVES, Terezinha Valim Oliver. Educação inclusiva no instituto de educação matemática e científica da universidade federal do Pará: em busca do fazer pedagógico inclusivo.



n. 20 (jan. – jun. 2016), jun./2016 – Pesquisas

1 EM BUSCA DO FAZER PEDAGÓGICO INCLUSIVO

O compromisso, próprio da existência humana, só existe no engajamento com a realidade, de cujas “águas” os homens verdadeiramente comprometidos ficam “molhados”, ensopados. Somente assim o compromisso é verdadeiro. Ao experienciá-lo, num ato que necessariamente é corajoso, decidido e consciente, os homens já não se dizem neutros.

(Paulo Freire)

70

A citação acima de Paulo Freire (FREIRE, 1993, p.19) foi escolhida para introduzir este estudo por a considerarmos desveladora do compromisso assumido com a causa da inclusão social. Nesse sentido podemos afirmar que temos nos engajados nessa questão, mergulhando em águas profundas, porém, apesar do comprometimento e das experiências vivenciadas sentimos que ainda não estamos molhadas, ensopadas totalmente, como é o nosso desejo. Contudo, afirmamos que o nosso compromisso é verdadeiro.

Assim sendo continuaremos mergulhando na realidade educacional, frente à demanda de pessoas com deficiências inseridas nas escolas, no sentido de que cada vez mais possamos agir - refletir e vice – versa, e assim contribuir com o processo de inclusão de pessoas, independentemente de suas características individuais. Para tanto, nosso mergulho foi ao encontro de estudantes do Curso de Licenciatura Integrada do IEMCI, sujeitos em processo de formação e futuros professores, buscando revelar práticas de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva, tendo como suporte principal, os dizeres desses sujeitos, no que diz respeito à formação e trajetória acadêmica, relacionadas aos seus conhecimentos e atuação futura, na escola regular, frente à demanda da inclusão de crianças nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Tal contexto nos conduz ao cerne dessa abordagem por compreendermos a importância de combater toda e qualquer forma de exclusão, relacionada ao direito de aprender das crianças. Nesse sentido, refletimos a respeito do papel dos professores nesse processo e suas formações. Sabemos que a Educação Básica, a partir da década de 1990, vem passando por mudanças significativas, relacionadas ao direito de aprender de todas as crianças e ao processo de inclusão

LEITÃO, Wanderleia Azevedo Medeiros; GONÇALVES, Terezinha Valim Oliver. Educação inclusiva no instituto de educação matemática e científica da universidade federal do Pará: em busca do fazer pedagógico inclusivo.



n. 20 (jan. – jun. 2016), jun./2016 – Pesquisas

no contexto da escola regular. Contudo, apesar do movimento que vem ocorrendo a favor da inclusão, nos últimos vinte e cinco anos, é possível afirmar que a educação não é garantida para todas as pessoas, existindo ainda nas escolas, portas fechadas para crianças e adultos que apresentam deficiências, ou falta de práticas pedagógicas capazes de atender as necessidades e especificidades dos que conseguiram inserção nas instituições de ensino.

Ao referir-se a respeito dessa temática, Mantoan (2006) salienta que o desafio do ensino nas escolas brasileiras é o de encontrar soluções que possam dar respostas não somente à questão do acesso, como à questão da permanência dos alunos nas escolas. Aponta ainda a autora, a necessidade de haver mudanças na organização pedagógica que visem reconhecer e valorizar as diferenças, evitando discriminação e segregação dos estudantes. De acordo com autora:

[...] Quando entendemos que não é a universalidade da espécie que define um sujeito, mas as suas peculiaridades, ligadas a sexo, etnia, origem, crenças, tratar as pessoas diferentemente pode enfatizar suas diferenças, assim como tratar igualmente os diferentes pode esconder as suas especificidades e excluí-los do mesmo modo; portanto, ser gente é correr sempre o risco de ser diferente (MANTOAN, 2006, p. 17).

Diante ao exposto pensamos nos estudantes, futuros professores e resolvemos dialogar com eles, com a intenção de verificar como se dá o processo de formação para que possam atuar na escola inclusiva, tendo pela frente, o desafio de reconhecer e valorizar as diferenças que são inerentes às pessoas, sem desconsiderar o contexto atual da educação básica e a realidade das escolas públicas de Belém, foco de maior atuação desses sujeitos investigados.

Para tanto, como já foi expresso anteriormente, recorreremos aos estudantes do Curso de Licenciatura Integrada do IEMCI e apresentaremos a seguir como foi essa busca.

Ressaltamos que a forma e a maneira como os temas foram escolhidos, organizados, aprofundados e debatidos contribuíram para que pudéssemos confirmar o quão é urgente e necessário ter um olhar multicultural para os saberes e os processos de formação de professores. Por outro lado acreditamos na importância de realizar estudos abordando a temática da Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva, no contexto da Educação Superior, focando o Curso de Graduação, intitulado Licenciatura Integrada em Educação em Ciências, Matemática e

LEITÃO, Wanderleia Azevedo Medeiros; GONÇALVES, Terezinha Valim Oliver. Educação inclusiva no instituto de educação matemática e científica da universidade federal do Pará: em busca do fazer pedagógico inclusivo.



n. 20 (jan. – jun. 2016), jun./2016 – Pesquisas

Linguagens para formação de professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental e Educação de Jovens e Adultos, do Instituto de Educação Matemática e Científica da Universidade Federal do Pará – IEMCI/UFPA, pela motivação inicial obtida nas sessões de estudos do Grupo de estudos Trans(formação)¹ e pela organização curricular do Curso, por acreditarmos nas ricas possibilidades de inclusão de crianças nas escolas.

Com essa esperança adentramos nos textos e contextos do referido Curso, tendo como objetivo principal: realizar estudos e investigar práticas de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva, tendo como suporte, dizeres de estudantes e o projeto pedagógico do Curso de Licenciatura Integrada do IEMCI-UFPA, com vistas a contribuir com a prática docente, voltada à inclusão escolar.

72

2 QUESTÕES NORTEADORAS

A política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva, Brasil (2008, p.8), estabelece como objetivo:

[...] o acesso, a participação e a aprendizagem dos alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação nas escolas regulares, orientando os sistemas de ensino para promover respostas às necessidades educacionais especiais, garantindo:

- Transversalidade da educação especial desde a educação infantil até a educação superior;
- Atendimento educacional especializado;
- Continuidade da escolarização nos níveis mais elevados do ensino;
- Formação de professores para o atendimento educacional especializado e demais profissionais da educação para a inclusão escolar;
- Participação da família e da comunidade;

¹O Grupo de Estudos e Pesquisas (TRANS) FORMAÇÃO, registrado na plataforma Lattes, desde 2000, destina-se à realização de estudos e pesquisas na área de formação inicial e continuada de professores, ocupando-se, especialmente com a investigação centrada em: Saberes de professores; Formação e desenvolvimento profissional; Memórias, (auto) biografias, narrativas e histórias de vida; Formação reflexiva e de professores pesquisadores; A pesquisa como processo de ensino e de formação. RELATÓRIO DE GESTÃO GERAL DO INSTITUTO DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA E CIENTÍFICA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ – IEMCI, (2014:174-175).

LEITÃO, Wanderleia Azevedo Medeiros; GONÇALVES, Terezinha Valim Oliver. Educação inclusiva no instituto de educação matemática e científica da universidade federal do Pará: em busca do fazer pedagógico inclusivo.



n. 20 (jan. – jun. 2016), jun./2016 – Pesquisas

- Acessibilidade urbanística, arquitetônica, nos mobiliários e equipamentos, nos transportes, na comunicação e informação; e
- Articulação intersetorial na implementação das políticas públicas.

Tendo como amparo legal o que está estabelecido na Política citada anteriormente verificamos que cabem as escolas regulares e aos sistemas de ensino promover a inclusão escolar. Nesse sentido compreendemos que a escola inclusiva visa atender as especificidades e necessidades dos estudantes e acredita que todos são capazes de aprender, independentemente de suas características individuais. Mendes (2002, p.61) ao referir-se a respeito da educação inclusiva nos apresenta:

A educação Inclusiva é uma proposta de aplicação prática ao campo da educação de um movimento mundial, denominado de inclusão social, o qual é proposto como um novo paradigma e implica a construção de um processo bilateral no qual as pessoas excluídas e a sociedade buscam, em parceria, efetivar a equiparação de oportunidades para todos.

Isto posto verificamos que a inclusão é uma questão muito ampla, necessitando de atenção especial, para além dos contextos escolares, envolvendo tanto o sistema educacional, quanto o social. Nesse sentido, há de se pensar numa reorganização geral da sociedade que possa atender todas as pessoas visando à garantia de seus direitos, seja na área da educação, da saúde, da moradia, do lazer, do emprego, dentre outros.

Nossa atenção esteve direcionada para a área educacional. Por isso fomos ao encontro de estudantes em processo de formação, que irão exercer a função de professores da Educação Básica, especificamente no tocante à prática docente, no contexto da escola inclusiva.

Portanto realizamos esta pesquisa, com o propósito de verificar o processo de formação dos estudantes do Curso de Licenciatura Integrada em Educação, em Ciências, Matemática e Linguagens do IEMCI, focando a educação inclusiva, tendo como fontes investigativas o projeto pedagógico do referido curso e os dizeres de estudantes, em relação às suas perspectivas, no que diz respeito à preparação para atuar com crianças e jovens que apresentam deficiências, altas



n. 20 (jan. – jun. 2016), jun./2016 – Pesquisas

habilidades ou transtornos globais do desenvolvimento, de acordo com a Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva (BRASIL, 2008, p. 9):

Na perspectiva da educação inclusiva, a educação especial passa a integrar a proposta pedagógica da escola regular, promovendo o atendimento às necessidades educacionais especiais de alunos com deficiência, transtornos globais de desenvolvimento e altas habilidades/superdotação. Nestes casos e outros, que implicam em transtornos funcionais específicos, a educação especial atua de forma articulada com o ensino comum, orientando para o atendimento às necessidades educacionais especiais desses alunos.

74

Como eixos condutores do processo investigativo nós consideramos o atendimento das diferentes necessidades educativas dos estudantes, inseridos na Educação Básica, como o mais expressivo desafio do professor, no que diz respeito principalmente à elaboração de propostas pedagógicas capazes de promover o sucesso escolar de todos os estudantes. Com o interesse de buscar respostas a esse desafio pautamo-nos nas diretrizes e nos princípios do Curso de Licenciatura Integrada em Educação, em Ciências, Matemática e Linguagens do IEMCI, a partir das seguintes questões norteadoras:

- Os estudantes do Curso de Licenciatura Integrada em Educação, em Ciências, Matemática e Linguagens do IEMCI, sentem-se capazes de enfrentar os desafios presentes nos contextos escolares, frente à demanda da inclusão?

- Na lógica do reconhecimento e da valorização das diferenças no espaço escolar, os estudantes expressam conhecimentos a respeito da construção e efetivação de propostas pedagógicas inovadoras, diferenciadas, capazes de contribuir com o processo de inclusão de todos?

– Quais são as atitudes e as expectativas dos estudantes com relação à atuação, como professores no atendimento às diferenças individuais presentes nas escolas?

A intenção de investigar o processo de formação dos estudantes nos proporcionou rever estudos a respeito da educação inclusiva e sentimos a necessidade de procurar estudiosos dessa abordagem que orientasse o estudo a ser efetivado. Nessa procura encontramos valiosos conceitos em Brasil (1999, 2001, 2008, 2010, 2012), Carvalho (2005), Macedo (2001), Medeiros (2002, 2006), Mantoan (2006), Santos (2010), González (2002), dentre outros.

LEITÃO, Wanderleia Azevedo Medeiros; GONÇALVES, Terezinha Valim Oliver. Educação inclusiva no instituto de educação matemática e científica da universidade federal do Pará: em busca do fazer pedagógico inclusivo.



n. 20 (jan. – jun. 2016), jun./2016 – Pesquisas

Diante a tantas reflexões, considerando-se aspectos importantes envolvidos à dinâmica de um fazer educacional registramos o que nos expressa Carvalho (2005) ao referir-se a respeito da abrangência, do sentido e significado do processo de educação inclusiva. Para a autora quando refletimos sobre tais apontamentos consideramos a diversidade de aprendizes e os direitos de todos à equidade. Portanto, todos, inclusive pessoas com deficiências, altas habilidades devem ter oportunidades iguais e a garantia ao direito de aprender e de conviver.

Com base nesses posicionamentos e tendo como direção, a questão dos direitos da pessoa dita diferente, relacionada ao contexto da educação inclusiva apontamos ainda o que nos diz Santos:

Temos o direito a ser iguais quando a nossa diferença nos inferioriza; e temos o direito a ser diferentes quando a nossa igualdade nos descaracteriza. Daí necessidade de uma igualdade que reconheça as diferenças e de uma diferença que não produza, alimente ou reproduza as desigualdades (SOUZA SANTOS, 2010, p.33).

Esta afirmativa de Souza Santos contribui no sentido de que possamos vislumbrar outras maneiras de se fazer a educação, com base na igualdade de condições, a partir das diferenças, sem reprodução de desigualdades. Educar, considerando-se essa perspectiva, está para além da atenção especializada que os estudantes com deficiências apresentam. Está para além do oferecimento de serviços técnicos. Ou seja, educar com base nesses aspectos visa, à prática da convivência da solidariedade e da diversidade, com olhar atento à igualdade.

3 COMPOSIÇÃO METODOLÓGICA

3.1 Caracterização da pesquisa

Na há pesquisa – ação sem participação coletiva. É preciso entender aqui o termo “participação” epistemologicamente em seu mais amplo sentido: nada se pode conhecer do que nos interessa (o mundo afetivo) sem que sejamos parte

LEITÃO, Wanderleia Azevedo Medeiros; GONÇALVES, Terezinha Valim Oliver. Educação inclusiva no instituto de educação matemática e científica da universidade federal do Pará: em busca do fazer pedagógico inclusivo.



n. 20 (jan. – jun. 2016), jun./2016 – Pesquisas

integrante, “actantes” na pesquisa, sem que estejamos verdadeiramente envolvidos pessoalmente pela experiência, na integralidade de nossa vida emocional, sensorial, imaginativa, racional. É o reconhecimento de outrem como sujeito de desejo, de estratégia, de intencionalidade, de possibilidade solidária. [...] (BARBIER, 2007, p.70-71).

A pesquisa em foco caracteriza-se como qualitativa, fundamentada nos princípios teóricos e metodológicos da pesquisa – ação, por orientar-se pelo envolvimento, pela participação, pela intervenção, visando mudanças, ações, decisões e transformações. Com a intenção de alcançar os objetivos traçados foram realizados estudos de campo, bibliográfico e documental, assim como realização de vivências pedagógicas, como: observação participante, roda de conversas, minicursos e oficinas, aulas expositivas e palestras. Os suportes teóricos foram embasados em Barbier (2007). Segundo este autor, a pesquisa ação possibilita uma mudança de atitude do próprio pesquisador, que se torna interventor, transformando suas atitudes filosóficas e suas concepções de mundo. Para o autor:

O método da pesquisa – ação, inspirado em Lewin, é o da espiral com suas fases de: planejamento, de ação, de observação e de reflexão, depois um novo planejamento da experiência em curso. O rigor da pesquisa – ação repousa na coerência lógica empírica e – política das interpretações propostas nos diferentes momentos da ação (BARBIER, 2007, p.60).

Fundamentadas nos estudos do autor elaboramos planejamentos necessários à concretização da pesquisa, considerando ainda a afirmação de que na pesquisa-ação o pesquisador e o grupo envolvem-se plenamente na ação e desse modo torna-se indispensável uma escuta sensível, Barbier (2007, p.94), que “[...] reconhece a aceitação incondicional do outro. Ela não julga, não mede, não compara. Ela compreende, sem, entretanto, aderir às opiniões, ou se identificar com o outro, com o que é enunciado ou praticado”.

Assim sendo confirmamos que por meio da pesquisa-ação o pesquisador e demais participantes da/na pesquisa tornam-se conscientes da necessidade de se envolverem nas ações e transformarem a realidade. Registramos ainda que por meio da pesquisa-ação é possível o envolvimento das pessoas com o tema pesquisado. Esse tipo de pesquisa promove aquisições de



n. 20 (jan. – jun. 2016), jun./2016 – Pesquisas

conhecimentos mútuos, entre pesquisador e participantes e busca a definição e a efetivação de ações no coletivo, visando à transformação da problemática investigada.

3.2 Descrição dos procedimentos da pesquisa

Para alcançar os objetivos adotamos os seguintes procedimentos:

- **Revisão bibliográfica e estudo documental:** ação de fundamental importância, pela possibilidade de rever e atualizar os referenciais teóricos, referentes ao objeto de estudo em foco. Nesse sentido realizamos estudos bibliográficos sobre Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva, assim como estudamos e analisamos documentos referentes ao Curso de Licenciatura Integrada em Educação em Ciências, Matemática e Linguagens do IEMCI/UFPA.

- **Observação participante:** A observação de acordo com Barbier (2007, p. 131) é um rico instrumento da pesquisa-ação - “[...] Permite-nos compreender a vida afetiva, imaginária não só dos membros do grupo-alvo como também do pesquisador coletivo”. Por meio dessa técnica, pela nossa participação, junto aos estudantes, por meio das ações desenvolvidas, coordenadas pelo professor da turma, tivemos a oportunidade de ampliar, comparar e analisar as informações obtidas no processo de construção dos dados.

Essas observações aconteceram no período de março a junho de 2015 e foram efetivadas durante as aulas ministradas por um professor do Curso Licenciatura Integrada em Educação, em Ciências, Matemática e Linguagens do IEMCI, que neste documento para manter sua identidade preservada, terá o nome fictício de Antônio Carlos Brasileiro.

O primeiro encontro com os estudantes² aconteceu na sala de aula. A intenção de observar as aulas, não era para verificar e analisar a prática do professor, e sim focar a participação dos estudantes, diante de um tema específico da área da Educação Especial, no caso, Introdução à Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS.

² Os estudantes eram do terceiro semestre do Curso Licenciatura Integrada em Educação, em Ciências, Matemática e Linguagens do IEMCI.



3.3 Vivências em sala de aula

O professor inicia a aula, fazendo aquele processo de rotina, o qual, geralmente acontece quando se inicia um semestre de aulas, ou seja, a apresentação do professor e dos estudantes. Naquele momento, porém, aquele espaço apresentou um diferencial, além do professor e dos estudantes, havia ainda uma bolsista e uma estagiária em processo de pós-doutoramento. O professor Antônio Carlos Brasileiro nos apresentou e explicou o porquê da nossa presença na sala de aula. Deixando-nos bem a vontade para que pudéssemos também nos apresentar. Concluídas as devidas apresentações, o professor passa a dialogar conosco, fazendo as seguintes perguntas: 1. Quais são suas expectativas com relação ao tema que iremos estudar? 2. O que vocês conhecem sobre educação para pessoas surdas? 3. Já tivera m algum contato, convivência com alguma pessoa surda, como por exemplo, na escola, ou na família? Como foi essa experiência? 4. Qual o momento certo de se começar a trabalhar com educação inclusiva, dentro de uma sociedade dita civilizada? 5. Atualmente qual a sua disposição para ensinar numa classe que possua estudante com deficiência?

Com relação à primeira pergunta as respostas dos estudantes seguiram a mesma direção. Suas expectativas estavam voltadas para o conhecimento da LIBRAS, e assim poder se comunicar por meio dessa língua de sinais, e ainda saber como ensinar o surdo. Diante às respostas, o professor explicou que as aulas não seriam suficientes para que eles pudessem se comunicar em LIBRAS sabendo-se tudo dela, mas, iriam aprender noções básicas da LIBRAS, assim como informações importantes a respeito da educação dos surdos.

Quanto à segunda pergunta, o que eles conheciam sobre a educação para pessoas surdas? Os estudantes responderam que não tinha conhecimentos sobre essa educação. No que se refere à terceira pergunta, se já haviam tido contato com pessoas surdas e como foi essa experiência? A maioria dos estudantes respondeu que não. Apenas três responderam que já tinham convivido com surdos. Essa convivência foi socializada da seguinte maneira:

Eu conheço um rapaz surdo-mudo que mora perto da minha casa. Lembro que quando criança ele era chamado de surdinho. Ele brincava conosco, não falava nem uma palavra, mas fazia gestos e agente entendia o que ele queria dizer. O



n. 20 (jan. – jun. 2016), jun./2016 – Pesquisas

tempo foi passando e nos afastamos. Hoje ele é adulto e usa a LIBRAS para se comunicar, mas não nos falamos mais. Acho que ele só tem amigos surdos.

Eu tenho um primo que é surdo eu converso com ele por gestos e ele faz leitura labial. Em casa nos nunca tivemos dificuldades de conviver com ele. Na escola que ele estudou não se ensinava LIBRAS. Ele teve muitas na escola e parou de estudar um longo tempo. Fez até a quarta série. Ele tem 30 anos e conseguiu um emprego como embalador em um supermercado. E agora ele está aprendendo LIBRAS.

Eu tenho uma tia surda, ela participar de tudo, gosta de passear, é vaidosa. Ela não conseguiu aprender a ler. Estou até a quarta série, mas não sabe nada. Repetia todos os anos, até que parou de estudar.

Após os relatos apresentados pelos estudantes, o Professor apresentou esclarecimentos a respeito dos termos, surdo – mundo e surdinho, explicando que ao se referir aos surdos, não é correto dizer que são, surdos – mudos. Pessoas surdas apresentam deficiência auditiva. Elas não são mudas. Assim como não é correto chamá-las de surdinhos, mudinhos. Os surdos têm nomes, têm cultura própria, têm identidades e direitos que devem ser respeitados. Com base nesses pontos, o Professor solicitou aos estudantes se manifestassem respondendo a quarta pergunta. Qual o momento certo de se começar a trabalhar com educação inclusiva, dentro de uma sociedade dita civilizada?

A maioria dos depoimentos dos estudantes demonstrou que eles centraram suas reflexões na educação dos surdos, e não na educação inclusiva de forma ampla, que pudessem ser para todos. Tal afirmação pode ser comprovada pelos dizeres abaixo:

Eu acredito que o momento ideal para se trabalhar com o aluno surdo é no seu momento de chegada à escola.

A educação inclusiva, a meu ver tem que oferecida para os alunos surdos em qualquer momento, se a educação é inclusiva não tem um momento certo para começar.

Entendo que se a sociedade é civilizada, não tem porque pensar em uma educação diferenciada, inclusiva. Nesse caso, os surdos vão ter a educação que merecem ter.

O momento certo para se trabalhar a educação inclusiva é o momento em que o professor estar preparado, pois não adianta jogar o aluno na escola e o professor não saber trabalhar com ele. Eu por exemplo, agora estou tendo a disciplina LIBRAS, alguma informação, conhecimento eu vou ter sobre como trabalhar com o surdo, porém, é preciso saber muitas coisas, e se eu não souber como



n. 20 (jan. – jun. 2016), jun./2016 – Pesquisas

trabalhar com este aluno vai acontecer o que meus amigos falaram, ou seja, mais surdos fora da escola, analfabetos.

Com base nesses dizeres foi possível verificar que a questão dos surdos, no tocante à sua educação foi o alvo das reflexões, isto, pelo fato de ter sido abordando a temática Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS, a língua dos surdos do Brasil.

Com relação à quinta pergunta, atualmente qual a sua disposição para ensinar numa classe que possua estudante com deficiência? Em suas respostas, os estudantes foram contundentes no que se refere à disposição para atuar em escolas que têm esse público.

Quanto a esse aspecto consideramos válido destacar os seguintes depoimentos:

Eu sei que estou em processo de formação, que ainda tem muita coisa para estudar, pesquisar sobre deficiência, mas se não praticar, de nada vai adiantar ter conhecimento de teorias. Por isso estou disposto a atuar com esse tipo de aluno, não para ensinar, antes eu preciso aprender. E agente aprende na dificuldade, na dúvida.

Eu gostaria de poder trabalhar com esse aluno, disposição eu tenho de sobra, agora pela situação atual da educação, eu vejo a luta dos professores, a situação das escolas, não é nada fácil. Por outro lado eu reconheço que não tem como dizer não. Estamos nos preparando para sermos professores, então temos que enfrentar os desafios.

Quando eu escolhi ser professor eu não tinha certeza se era isso realmente que eu queria ser. Depois que ingressei no curso, passei a conhecer mais sobre a educação, ter contato com as escolas, eu hoje não tenho dúvidas, eu estou disposta a trabalhar com crianças, sejam deficientes ou não.

O primeiro momento de observação foi riquíssimo, as perguntas trazidas pelo Professor Antônio Carlos Brasileiro possibilitou-nos ouvir os dizeres dos estudantes sobre vários assuntos que estavam sendo por nós investigados, como por exemplo, suas expectativas com relação à LIBRAS, seus conhecimentos sobre a educação para pessoas surdas e se já tinham interagido com essas pessoas. Foi possível ainda ouvi-los a respeito do momento certo de se trabalhar a educação inclusiva e se eles estariam dispostos a atuar com estudantes com deficiência.

LEITÃO, Wanderleia Azevedo Medeiros; GONÇALVES, Terezinha Valim Oliver. Educação inclusiva no instituto de educação matemática e científica da universidade federal do Pará: em busca do fazer pedagógico inclusivo.



n. 20 (jan. – jun. 2016), jun./2016 – Pesquisas

Diante dos relatos dos estudantes ficou evidente que teríamos pela frente novas oportunidades de ouvir esses sujeitos e realizar registros que certamente iriam contribuir com a nossa investigação. Fato este que foi comprovado, uma vez que participar e interagir com eles, durante o processo das observações, superou nossas expectativas, possibilitando aprofundar nossos conhecimentos no que se refere à educação para os surdos.

Paralelamente as observações e com base **nos nossos registros**³ efetivamos as rodas de conversas, uma oficina, uma palestra e entrevistas. As quais serão descritas a seguir.

Roda de Conversa: Foram efetivadas três rodas de conversas, em cada roda tivemos a participação de 15 estudantes. Totalizando 45. Uma roda foi feita com estudantes do noturno e as demais com estudantes do período da tarde.

Nossa intenção ao utilizar essa técnica, como instrumento de construção de dados se deu pela possibilidade de conhecer que saberes os estudantes tinham a respeito da inclusão escolar, e o que era significativo saber sobre essa abordagem⁴. Nesse sentido efetivamos as conversas concebendo-as como um espaço rico e privilegiado de formação, de socialização, de crescimento, de encontros e reencontros, de diálogos, de escuta, de reflexão e ação.

Nesse contexto, os dizeres foram aprimorados por meio de um processo interativo que se deu entre os sujeitos participantes da roda, uma vez que a utilização dessa técnica possibilitou nossa inserção como sujeitos da pesquisa, ao participarmos da conversa e paralelamente possibilitou a construção de dados para as discussões dos temas apresentados.

Segundo Creswell (2010, p. 26) a roda de conversa “[...] é um meio para explorar e para entender o significado que os indivíduos ou os grupos atribuem a um problema social ou humano”.

Concebemos a roda de conversa como uma ferramenta que possibilita a troca de experiências, por meio de diálogos, desencadeando reflexões a respeito das vivências das

³ As anotações foram registradas no nosso **Diário de Intinerância**, que de acordo com Barbier. Trata-se de um instrumento de investigação sobre si mesmo em relação ao grupo e em que se emprega a tríplice escuta/palavra – clínica, filosófica e poética – da abordagem transversal [...]. A intinerância representa um percurso estrutural de uma existência concreta tal qual se manifesta pouco a pouco, e de uma maneira inacabada, no emaranhado dos diversos itinerários percorridos por uma pessoa ou por um grupo. BARBIER (20.07, p. 133, 134).

⁴ Essas informações contribuíram significativamente para a seleção dos estudantes que continuariam a fazer parte da pesquisa, de acordo com os critérios estabelecidos, informados anteriormente, quais sejam: ter conhecimentos a respeito do projeto pedagógico do Curso, assim como vivências em estágios e estudos de Eixos Temáticos que abordassem questões referentes às diferenças, diversidades, Educação Especial e Educação Inclusiva.



n. 20 (jan. – jun. 2016), jun./2016 – Pesquisas

pessoas sobre determinado tema, visando obter novos conhecimentos sobre o que foi discutido e assim ter condições de transformar a realidade.

De acordo com Freire e Shor (1987, p. 65):

Ao nos comunicarmos, no processo de conhecimento da realidade que transformamos, comunicamos e sabemos *socialmente*, apesar de o processo de comunicação, de conhecimento, de mudança, ter uma dimensão individual. Mas o aspecto individual não é suficiente para explicar o processo. Conhecer é um evento social, ainda que com dimensões individuais. O que é o diálogo, neste momento de comunicação, de conhecimento e de transformação social? O diálogo *sela* o relacionamento entre os sujeitos cognitivos, podemos, a seguir, atuar criticamente para transformar a realidade.

82

Assim com a intenção de dialogar buscando informações que pudessem contribuir com as discussões do tema investigado, com a construção dos dados da pesquisa, assim como, com a transformação da realidade, passamos à realização das rodas de conversas.

Antes de iniciarmos a roda de conversa, cada estudante recebeu um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, após esclarecimentos sobre o referido documento e sobre a pesquisa, os estudantes leram e o assinaram. Uma vez esclarecidos partimos para o desenvolvimento da atividade.

Ao iniciarmos a roda procuramos deixar os participantes bem à vontade e como dinâmica de acolhimento⁵ apresentamos a história da Gigi Balangandã, de autoria de Karin Sá Rego, ilustração de Daniel Kondo, Editora Escrituras, 1999.

Gigi era uma girafa muito bonitinha, que morava no zoológico. Ela era alegre e brincalhona. Só tinha uma coisa que não saía da sua cabeça: o danado do pescoço!

Ao contrário de todas as suas amigas girafas, Gigi tinha um pescoço curtinho, curtinho e isso deixava a girafinha preocupada. Por que será?

⁵ Com relação à dinâmica de acolhimento resolvemos realizar dessa maneira, justificando que nossos sujeitos (futuros professores) irão interagir com crianças, portanto, há de se pensar em nossas ações pedagógicas, maneiras de oferecer – lhes atividades lúdicas, instigando-os a socializá-las com seus “aprendentes” no processo de construir e desconstruir conhecimentos. Eis mais uma importante contribuição da Gigi Balangandã nesse processo de investigação, de buscas, de criação, e (Trans) Formação.



n. 20 (jan. – jun. 2016), jun./2016 – Pesquisas

“Acho que eu tenho um pescoço esquecido! É éé... Ele esqueceu de crescer!” – Pensava Gigi. “Bom pelo menos eu consigo me ver inteira no espelho: a Fafá não consegue...” Mas, no alto, no alto, ou melhor, no fundo, no fundo, Gigi queria ser pescoçada. E foi então que ela resolveu pedir ajuda à vizinhança: “quem sabe alguém não tem uma grande ideia pra fazer o meu pescocinho crescer?”.

“Engole um cabo de vassoura!” – sugeriu o Macaco Maluco.

“Glup! Mas um cabo de vassoura é muito comprido...e, além do mais, deve ter um gosto horrível!!!” – pensou Gigi.

“Hum... pescoço?” – perguntou o leão. “Se ainda fosse para fazer crescer cabelo, eu até que podia dar uns conselhos – descobri um shampoozinho de jojoba que é uma maravilha!”.

Gigi ficou admirando a jojoba, quer dizer a jujuba, quer dizer, a juba do seu amigo leão. Estava grande e bonita mesmo.

“Mas e o meu pescoço...” – resmungava Gigi.

“Por que você não se pendura num galho, que nem o Macaco Maluco?” – perguntou Zécaré?”

“Maluco está você Zécaré! O que é que há?! Eu vou me pendurar, depois vou despencar e aí: quem é que vai me salvar?! Sai pra lá!”

No dia das Zoolimpíadas, Gigi decidiu participar do cabo de guerra. Na verdade, Gigi foi o cabo de guerra. Puxa Gigi daqui...estica Gigi dali...urgh, socorro!

Os elefantes ganharam a prova e Gigi ganhou um baita torcicolo. Saiu de lá falando cobras e lagartos.

Gigi resolveu então ouvir a famosa voz da experiência. Procurou o camelo Camilo, este sim, um tremendo pescoçudo. E do alto de sua imensa sabedoria, Camilo falou:

“Mastigue chicletes, minha querida Gigi. O dia inteiro, toda hora, dia e noite, noite e dia... mastigue, mastigue, mastigue...”

“Chicletes?! Mas de que adianta mastigar, mastigar, mastigar, e meu pescoço aumentar, se meus dentes vão estragar?! Não, isso eu não vou deixar! “Acho que vou desistir”.

Foi quando Gigi percebeu que um menininho se aproximava:

“Vem, mãe! Aproveita que ela está aqui perto e tira uma foto da gente!”

E qual é a mãe que não tem sempre uma câmera na mão, pronta pra tirar uma foto do filhão?

“Vamos lá! Olha a girafinha...”

“Oba! Vou levar pra escola e mostra pra todo mundo!” –disse o garoto.

“Peraí... - pensou Gigi –se eu fosse grandona e pescoçada, eu não caberia na foto do meu amigo. Aliás – minha nossa – eu também não poderia estar aqui, nesse livrinho!!!”“Só sendo pequena e baixinha pra caber numa página inteirinha!”

Usamos a história da girafinha com o objetivo de iniciar nossa conversa, dialogar com os participantes da roda, mas, ancoradas em Paulo Freire (1993, p. 60): “[...] Tentar a conscientização dos indivíduos com quem se trabalha, **enquanto com eles também se**

LEITÃO, Wanderleia Azevedo Medeiros; GONÇALVES, Terezinha Valim Oliver. Educação inclusiva no instituto de educação matemática e científica da universidade federal do Pará: em busca do fazer pedagógico inclusivo.



n. 20 (jan. – jun. 2016), jun./2016 – Pesquisas

conscientiza, este e não outro nos parece ser o papel do trabalhador social que optou pela mudança” (Grifos nossos), pois procuramos estabelecer nossas falas, por meio de um processo recíproco, em busca da conscientização de todos os envolvidos nesse ato de dialogar, enquanto tecíamos debates e reflexões acerca das diferenças. Nesse processo procuramos mediar à conversa sobre as diferenças, trazendo, instigando essa questão, a partir das vivências dos próprios participantes da roda, perguntando se eles já se sentiram diminuídos, desvalorizados por serem diferentes, ou ao contrário, se já haviam sido valorizados pelas diferenças que possuíam.

Assim, os participantes⁶ foram orientados a dizer seus nomes, os semestres que estavam cursando, se gostaram da história da Gigi, e qual a diferença mais acentuada que possuíam e se essas diferenças já contribuíram para sua valorização ou desvalorização.

A história da girafinha foi muito importante para darmos início ao diálogo, pois os participantes gostaram e participaram com bastante entusiasmo. Houve de imediato uma quebra de gelo. Este fato possibilitou a participação de todos e não tivemos dificuldades para iniciar o processo da conversa. Após a apresentação da história passamos a palavra para eles se manifestarem. As falas foram em direção as suas próprias vivências, nesse aspecto falaram que já se sentiram como a Gigi, e que muitas vezes é difícil aceitar que somos diferentes uns dos outros, devido aos padrões que são estabelecidos pela sociedade.

A conversa fluíu com naturalidade e tivemos relatos interessantes sobre “a negação das diferenças” pelas próprias pessoas que as possuíam. Houve discussões a respeito dos cabelos das pessoas que sofrem modificações seja no tipo, crespo, vira – liso. Seja centrado na cor – preto, vira louro; louro – torna-se azul, vermelho e assim por diante. Houve ainda, manifestações a respeito das “transformações” físicas das pessoas, ou seja, pessoas que modificam o corpo, como por exemplo, aumentam os seios, o bumbum, engrossam as pernas, modificam os lábios, o nariz e assim por diante.

O ponto forte das discussões foi quando solicitamos que pensássemos nesses aspectos, focando o contexto educacional na perspectiva da inclusão, relacionando-os com outros tipos de diferenças presentes na escola. Para enriquecer o debate pontuamos, por exemplo, estudantes

⁶ Os estudantes foram convidados a participar das rodas durante a realização da semana acadêmica de 2015. Essa atividade aconteceu no período de 13 a 18/03/2015. Seus nomes são fictícios com o objetivo de preservar suas identidades. O termo participante da Roda 1, ou da Roda 2, ou da Roda 3, refere-se a à roda da qual o estudante fez parte. A roda 1 foi realizada com estudantes do noturno, a roda 2 e a roda 3 foram feitas com estudantes do turno da tarde.



n. 20 (jan. – jun. 2016), jun./2016 – Pesquisas

com deficiências, estudantes oriundos de famílias de homossexuais ou transexuais, estudantes negros, brancos, albinos, estudantes com transtornos global do desenvolvimento, estudantes gays. Os participantes se manifestaram com os seguintes posicionamentos:

[...] Nesse caso, pensando no cego, por exemplo, não tem como mudar a pessoa. Quem é cego, nasceu cego, vai continuar cego. O que vai ser mudado, ou melhor, deve ser mudado é a escola. Mas, dificilmente isso acontece. A escola precisa entender que não é o aluno que deve buscar solução pra sua educação, como fez a Gigi da história. (Teresa, Participante da R2, 2015).

Eu entendo que pensar nas diferenças que estão na escola, requer pensar nessas diferenças, principalmente na sala de aula, pois a escola como um todo, nem sempre sabe que elas estão aí. Quem realmente acaba se deparando com elas, é o professor, elas são percebidas na sala de aula quando o professor é um bom professor. Às vezes, ou melhor, na maioria das vezes, elas não são vistas, não são reconhecidas. Ou quando são, nem sempre se sabe o que fazer com elas. Ou melhor, não sabemos o que fazer com as diferenças na sala de aula. (Rebeca, Participante da R3).

A Gigi não se aceitava, e foi preciso acontecer algo para que ela se aceitasse. E o que fazer quando a escola, os professores não aceitam as diferenças dos alunos? E o que a escola deve fazer com a Gigi para que ela se aceite? Se a história da Gigi fosse real e ela estivesse na escola, como as pessoas da escola em geral, professores, alunos, diretores iriam lidar com essa questão? Acredito que esse tipo de aluno está na escola solitário, que ninguém presta atenção nele. Cabe a nós como futuros professores pensar e agir nessa situação. (Roberto, participante da R1).

Eu paro pra pensar no aluno que eu vou ter pela frente, são crianças, e as crianças têm características diferenciadas uma das outras. Ou seja, elas são diferentes. E aqui nesse grupo, quem não é diferente? Eu acho que é importante falar das diferenças, é importante falar do professor que vai dar aula para crianças, mas, a escola não está preparada para trabalhar com essas diferenças de quem é deficiente. Vocês entenderam o que eu quero dizer? (Maria, participante da R1).

Dando continuidade ao diálogo solicitamos que pensássemos na história da Gigi, estabelecendo relações com o contexto escolar, direcionando nossa atenção aos estudantes que apresentam deficiências, aos que são considerados com necessidades educativas especiais. Aos que são excluídos por serem pobres, negros, gordos, baixinhos, pescoçudos.



n. 20 (jan. – jun. 2016), jun./2016 – Pesquisas

Após ouvirmos os posicionamentos dos participantes prosseguimos apresentando os seguintes questionamentos: Como vocês definem Educação Especial? O que é Educação Inclusiva? Como essas temáticas são trabalhadas no Curso de vocês?

Estes questionamentos serviram como fator direcional de nossas conversas e assim foram construídos riquíssimos diálogos a cerca da Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva, culminando com discussões e reflexões a respeito do fazer pedagógico voltado às diferenças de cada pessoa e as perspectivas dos participantes no que se refere aos seus papéis como futuros professores, diante à realidade da educação e a necessidade de atuar em contextos inclusivos.

Com relação à definição de Educação Especial, os participantes afirmaram que é uma educação que oferece serviço especializado a estudantes com deficiência. Nesse sentido assim se manifestaram:

A Educação Especial é a que oferece serviço especializado aos alunos considerados especiais. (Paulo, participante R3).

Eu entendo que a Educação Especial atende crianças que são deficientes, como criança surda, ou cega, ou com alguma limitação de locomoção, de fala. (Maria, participante R1).

Quanto à Educação Inclusiva, pontuamos alguns depoimentos dos participantes:

É aquela voltada para atender pessoas que são excluídas, nesse caso, considero excluídas, às que têm deficiências, pessoas negras, pessoas pobres e as que assumem suas opções sexuais, como por exemplo, gays e lésbicas. (Polyana, participante R 2, 2015).

Educação Inclusiva e a educação voltada para estudantes que tem dificuldade em aprender. Ou seja, não é voltada somente para alunos deficientes. Essa educação é adotada em escolas regulares que têm estudantes considerados normais e estudantes que têm deficiências ou dificuldades de aprendizagens. (Carlos, participante R 3, 2015).

Educação inclusiva procura incluir todos os alunos, especialmente os que têm necessidades especiais. (Bianca, participante R 1, 2015).

LEITÃO, Wanderleia Azevedo Medeiros; GONÇALVES, Terezinha Valim Oliver. Educação inclusiva no instituto de educação matemática e científica da universidade federal do Pará: em busca do fazer pedagógico inclusivo.



n. 20 (jan. – jun. 2016), jun./2016 – Pesquisas

É uma educação que abre as portas para todos os alunos e respeita suas diferenças. (Messias, participante R 2, 2015).

Eu acredito que a Educação Inclusiva é a que não exclui ninguém, como se fosse uma mãe, que abraça e protege todos os filhos. (Roberto, participante R 1, 2015).

Os relatos dos estudantes demonstraram que eles têm clareza do conceito de Educação Inclusiva, considerando-se estudiosos dessa abordagem, acrescentamos ainda, de acordo com Medeiros (2006, p. 38) é a educação que não aceita nenhuma forma de discriminação e combate todo e qual tipo de preconceito. E como dizem Stainback e Stainback, (1999, p.21) podemos concebê-la ainda como “[...] a prática da inclusão de todos – independentemente de seu talento, deficiência, origem socioeconômica ou cultural – em escolas e salas de aula provedoras, onde as necessidades desses alunos sejam satisfeitas”.

Com relação ao questionamento, como essas temáticas são trabalhadas no Curso? Os participantes responderam que já estudaram esses temas, durante as aulas de alguns professores e por meio delas tiveram conhecimentos sobre, tecnologia assistiva e Educação Especial. Receberam ainda informações sobre currículo e Educação Inclusiva, formação de professores, assim como realizaram pesquisas sobre as leis voltadas para a inclusão. Os estudantes informaram que as questões a respeito da Educação Inclusiva são trabalhadas pelos professores durante a apresentação de assuntos variados. Nesse aspecto, apresentamos as seguintes colocações:

As questões sobre a Educação Especial e a Educação Inclusiva não são trabalhadas somente na aula de LIBRAS, eu discordo dos meus colegas. Muitos professores trabalham esses assuntos, já tivemos aulas de informática, a Professora quando falou de tecnologia assistiva falou dos recursos que devem ser usados com alunos especiais, assim como a Professora de desenvolvimento e aprendizagem. (Rebeca, participante R 3, 2015).

Os assuntos sobre Educação Especial, Educação Inclusiva são trabalhados pelos professores por meio de seminários, apresentação de vídeos, aulas expositivas, trabalho individual, atividades de pesquisa. (Messias, participante R 2, 2015).



n. 20 (jan. – jun. 2016), jun./2016 – Pesquisas

Os estudantes apontaram que temas, conteúdos sobre Educação Especial e Educação Inclusão são abordados durante seus processos de formação, porém, três ressaltaram a necessidade de se ter experiências práticas, no sentido de que pudessem ter contatos com estudantes surdos, cegos, com deficiência intelectual, autistas, down.

Temos professores que trabalham assuntos da Educação Especial, da Educação Inclusiva, mais eu penso que é preciso que sejam trabalhados assuntos sobre a educação do autista, do down, nos não estudamos sobre isso. Eu gostaria de poder visitar escolas que atendessem esses alunos. (Carlos, participante R 3, 2015).

A Educação Especial ainda precisa ser considerada nos nossos estudos. Hoje todo mundo fala da inclusão, e sei que é importante, mas quem vai tratar da especificidade do cego, do aluno que tem paralisia cerebral, é o professor especialista. O professor de Matemática, por exemplo, ele pode mostrar os recursos, mas não sabe as especificidades dessas deficiências. Por isso seria interessante que pudéssemos ter contato com esses professores, que pudéssemos observar como eles trabalham. (Paulo, participante R3).

A minha preocupação quando penso na educação especial e na educação inclusiva e no caso dos alunos com deficiências, como o do tipo deficiência mental. Acredito que é preciso estudar como alfabetizar esse aluno? Esses tipos de assuntos precisam ser estudados nas aulas. Precisamos conhecer como são as aulas oferecidas para esses alunos. (Roberto, participante R 1, 2015).

Como podemos perceber a questão de como devemos atuar na educação de estudantes com deficiência é um ponto que merece atenção, compreendemos que as preocupações dos estudantes são necessárias e relevantes, mesmo considerando que eles têm acesso a esses assuntos, não somente quando estudam a LIBRAS, esses temas, de acordo com o projeto do Curso são abordados durante as aulas de Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem, Recursos Tecnológicos Pedagógicos, Estágio de Docência, Estágio Supervisionado, Prática Antecipada à Docência em Espaços não Formais, dentre outras.

Quando falamos das experiências que teriam durante a realização dos estágios, ou durante o desenvolvimento de outras atividades que permeiam o processo de formação, os estudantes se posicionaram, pontuando novamente pessoas que apresentavam deficiências, inseridas nas



n. 20 (jan. – jun. 2016), jun./2016 – Pesquisas

escolas e que era preciso mais interação com essa clientela, visando futuras práticas nas escolas inclusivas.

3.4 A realização da oficina

No desenvolvimento da oficina relativa à temática da educação inclusiva, contou com a participação de (35) trinta e cinco estudantes. A oficina foi planejada e coordenada pelo Professor Antônio Carlos Brasileiro e teve a nossa colaboração, assim como de uma bolsista, estudante do Curso Licenciatura Integrada em Educação, em Ciências, Matemática e Linguagens do IEMCI.

A oficina efetivada, com duração de 12 horas teve como tema: Noções Básicas de Libras e focou a educação dos surdos, abordando a temática da Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS. Com o intuito de suscitar reflexões e a participação dos estudantes demos início com o seguinte questionamento: O que realmente sabemos sobre os surdos? Após ouvirmos os estudantes apresentamos uma breve retrospectiva, referente aos principais registros sobre a História da Educação dos Surdos, apontando marcos iniciais das experiências educacionais desses sujeitos, como por exemplo, as experiências de Pedro Ponce de Leon (1520-1584), um frade beneditino espanhol que muito contribuiu com a educação de pessoas surdas. De acordo com Reily (2007), Ponce de Leon é considerado pioneiro na educação dos surdos.

Dando continuidade à oficina recorreremos a outros marcos da história da Educação de surdos como os citados a seguir:

- Em 1620, Bonnet publicou o primeiro livro sobre educação de surdos, abordando o aprendizado do alfabeto manual e a importância da intervenção precoce.

- No ano de 1756 foi criada em Paris por Abbé de L'Epeé, a primeira escola para surdos com uma filosofia manualista e oralista. Nos Estados Unidos, no mesmo ano, destacaram-se dois importantes representantes da educação de surdos, trata-se de Edward Miller Gallaudet (1837-1917), o qual representa o método manualista e Alexander Graham Bell (1847-1922), o inventor do telefone e do audiômetro, representante do método oralista. Nessa época houve muita divergência entre os professores, quanto à utilização desses métodos. Havia os que priorizavam e

LEITÃO, Wanderleia Azevedo Medeiros; GONÇALVES, Terezinha Valim Oliver. Educação inclusiva no instituto de educação matemática e científica da universidade federal do Pará: em busca do fazer pedagógico inclusivo.



n. 20 (jan. – jun. 2016), jun./2016 – Pesquisas

defendiam a língua falada (Método Oral Puro), assim como havia os defensores da Língua de Sinais.

- Outro ponto marcante na educação dos surdos e que foi destacado na oficina foi referente ao Congresso de Milão. Evento, realizado na cidade de Milão, Itália, no ano de 1880. Nesse congresso os intelectuais da época se reuniram e suas ações provocaram consequências terríveis para as comunidades surdas de todo o mundo. Medeiros e Medeiros (2012) relatam que o referido congresso provocou mudanças marcantes na educação dos surdos, ressaltando que sua organização se deu por defensores do método oralista, tendo como objetivo legitimar suas próprias proposições referentes à surdez e a educação de surdos. Assim sendo, ficou comprovado que os surdos poderiam emitir voz, pois não apresentavam problemas fisiológicos em relação ao aparelho fonador, portanto poderiam falar.

Tais afirmativas contribuíram para que no Congresso de Milão fosse aprovado o uso exclusivo e absoluto do método oral. Com isso, a língua de sinal, ou gestual como era conhecida na época foi proibida. Nesses termos, o método do oralismo foi praticado mundialmente durante quase um século, sem ser questionado, e o uso da Língua de Sinal passou ser considerado um crime.

Após relatarmos sobre aspectos históricos da Educação dos Surdos, abordamos na oficina temas referentes ao Sistema de Comunicação da Língua de Sinais, e passamos a praticar a LIBRAS com os estudantes. Para tanto apresentamos a definição da Língua de Sinais, segundo Capovilla e Raphael (2004, p.116) *“Linguagem autônoma, independente da língua falada, que tem mecanismos próprios de natureza espacial para relacionar a forma ao significado”*.

Explicamos que não existe uma língua de sinais utilizada e compreendida universalmente, uma vez que as línguas de sinais praticadas nos diferentes países diferem uma das outras. Por exemplo, no Brasil temos a Libras (Língua Brasileira de Sinais). Enquanto nos Estados Unidos temos a ASL (American Sign Language). Na França utiliza-se a LSF (Langue de Signes Français) e assim por diante. Dando continuidade à oficina, houve destaques para os dialetos ou variações regionais dos sinais que devem ser considerados, assim como acontece nas línguas faladas. Dando continuidade passamos para a etapa seguinte da oficina, denominada Vivências do Uso da LIBRAS.

Durante a oficina foram trabalhados na prática os seguintes temas:

LEITÃO, Wanderleia Azevedo Medeiros; GONÇALVES, Terezinha Valim Oliver. Educação inclusiva no instituto de educação matemática e científica da universidade federal do Pará: em busca do fazer pedagógico inclusivo.



n. 20 (jan. – jun. 2016), jun./2016 – Pesquisas

- O alfabeto (datilologia) manual e sua utilidade. Explicamos que o alfabeto manual deve ser utilizado: - Para expressar nomes de pessoas, nomes de lugares e demais palavras que não possuem sinal; quando ainda não existe o sinal ou quando o sinalizante esqueceu ou não sabe sinal.

Visando a apropriação desse conhecimento e o seu uso solicitamos que cada participante fizesse as letras do alfabeto em LIBRAS, de acordo como nós apresentávamos. Assim cada letra foi ensinada. Utilizamos ainda vídeos, imagens impressas em papel e projeção em power points. O alfabeto manual pode ser considerado um tema de suma importância, pois por meio do uso da datilologia pessoas surdas e ouvintes podem se comunicar.

Após apresentação do alfabeto os participantes da oficina aprenderam a se apresentar em LIBRAS, foi ensinado como dizer: - meu nome, meu sinal, minha profissão, sou estudante, sou professora, eu estudo na UFPA. Foram apresentadas ainda em Libras, situações em que são usados os números, a partir dos exemplos a seguir: - minha idade, número da minha casa, número do meu celular etc.

Demais temas estudados durante a oficina:

- Saudações: foram ensinados em LIBRAS os seguintes sinais referentes às saudações: oi, como vai? Tudo bem? Muito prazer em conhecer você. Obrigado. De nada. Bom dia. Boa Tarde. Boa noite. Esses temas foram praticados em LIBRAS, orientados pelos professores que ministraram a oficina. Visando o aprendizado repetíamos os sinais várias vezes, observando com muita atenção, se os participantes estavam fazendo adequadamente os sinais. Assim como apresentamos vídeos que mostravam situações cotidianas de pessoas surdas e suas vivências, comunicando-se por meio do uso da LIBRAS.

Após cada novo tema estudado, os participantes eram convidados a elaborar pequenos diálogos em Português e depois esses diálogos eram socializados por meio do uso da Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS, usando os conhecimentos apreendidos durante a oficina.

Nessa dinâmica foram apresentados os dias da semana, meses do ano, cores, verbos, dentre outros assuntos.

A participação nessa oficina foi de suma importância, pois por meio dessa atividade, foi possível verificar que o Instituto promove eventos e possibilita a participação dos estudantes em temas variados. Outro ponto importante foi pela possibilidade de interagir com os estudante e trocar experiências e conhecimentos no que se refere à educação dos surdos e a Língua Brasileira

LEITÃO, Wanderleia Azevedo Medeiros; GONÇALVES, Terezinha Valim Oliver. Educação inclusiva no instituto de educação matemática e científica da universidade federal do Pará: em busca do fazer pedagógico inclusivo.



n. 20 (jan. – jun. 2016), jun./2016 – Pesquisas

de sinais. Pela descrição do que foi trabalhado durante o desenvolvimento da oficina de LIBRAS, podemos verificar que apesar do pouco tempo de duração, foram ensinados muitos sinais e por meio desses sinais, será possível estabelecer processos de comunicação entre pessoas ouvintes e pessoas surdas. Isto, evidentemente, se for colocado em prática o que foi vivenciado durante a oficina.

92

3.5 A palestra efetivada

Proferimos uma Palestra Dialogada, tendo como tema: **Educação Inclusiva: desafios e perspectivas**. Participaram da referida palestra (61) sessenta e um estudantes e (1) uma professora do IEMCI, que para efeito deste estudo, foi chamada pelo nome fictício de Ana Maria. A referida professora sabendo da nossa pesquisa solicitou que realizássemos uma palestra focando a questão da Educação Inclusiva, uma vez que estava trabalhando o Eixo Temático: **Prática antecipada à docência em espaços não formais**. A efetivação dessa ação foi de grande valia, pois podemos dialogar com os estudantes a respeito de seus saberes, conhecimentos, limites e anseios e perspectivas como futuros professores, no que diz respeito à atuação escolar frente à inclusão de crianças e jovens.

No momento da palestra estabelecemos uma metodologia do dizer e do escutar sensível, embasadas em Barbier (2007, p. 59) no tocante à pesquisa ação:

A pesquisa ação torna-se a ciência da práxis exercida pelos técnicos no âmago de seu local de investimento. O objeto da pesquisa é a elaboração da dialética da ação num processo pessoal e único de reconstrução racional pelo ator social. Esse processo é relativamente libertador quanto às imposições dos hábitos, dos costumes e da sistematização burocrática. A pesquisa ação é libertadora, já que o grupo de técnicos se responsabiliza pela sua própria emancipação, auto-organizando-se contra hábitos irracionais e burocráticos de coerção.

LEITÃO, Wanderleia Azevedo Medeiros; GONÇALVES, Terezinha Valim Oliver. Educação inclusiva no instituto de educação matemática e científica da universidade federal do Pará: em busca do fazer pedagógico inclusivo.



n. 20 (jan. – jun. 2016), jun./2016 – Pesquisas

Durante a palestra foi preciso discorrer sobre os desafios e as perspectivas da Educação Inclusiva, no entanto, nosso objetivo maior não era apenas abordar sobre esse tema e tecer, provocar reflexões, antes de qualquer pronunciamento primamos por ouvir o que os estudantes tinham a dizer a respeito dessa abordagem. Por isso se fez necessário à prática da escuta sensível de Barbier (2007), assim como, do dizer sensível, para que pudéssemos nos libertar, quebrar protocolos e recriar o movimento de transformação, de emancipação que buscávamos.

93

4 DISCUSSÃO E RESULTADOS

Por hora apresentamos somente uma parte dos dados construídos nesse processo investigativo, não iremos abordar, por exemplo, questões levantadas nas entrevistas, voltadas para a questão curricular, como não iremos apresentar os resultados obtidos das análises do desenho curricular do Curso em questão, assim como não apresentaremos os resultados referentes à Composição da Educação Inclusiva no IEMCI. Contudo consideramos válido registrar que todos os dados foram interpretados e analisados, considerando-se o que diz Barbier (2007, p.55):

Na pesquisa ação, a interpretação e análise são o produto de discussões de grupo. Isso exige uma linguagem acessível a todos. O traço principal da pesquisa-ação – o *feedback* – impõe a comunicação dos resultados da investigação aos membros nela envolvidos, objetivando a análise de suas reações.

Portanto, os sujeitos que participaram dessa pesquisa tiveram ciência dos dados que estavam sendo construídos e dos resultados alcançados. Com base em suas falas e reações, a respeito do objeto investigado, por meio de uma “escuta sensível”, reflexiva e dialogada, foi possível levantar teorizações. Que segundo Barbier: “[...] É a teorização que leva o resultado da pesquisa a um estabelecimento de modelos dos processos coletivos conduzindo à realização dos objetivos da ação, quer dizer, à resolução do problema inicial”.

LEITÃO, Wanderleia Azevedo Medeiros; GONÇALVES, Terezinha Valim Oliver. Educação inclusiva no instituto de educação matemática e científica da universidade federal do Pará: em busca do fazer pedagógico inclusivo.



n. 20 (jan. – jun. 2016), jun./2016 – Pesquisas

Para tanto passamos a nos envolver com os dizeres dos estudantes, obtidos durante as Vivências de Sala de Aula, a Oficina, as Rodas de Conversas e o diálogo estabelecido durante a Palestra. Assim, na medida em que nos envolvíamos, nosso plano de análise ia constituindo-se, dando forma às teorizações e ao mesmo tempo apontavam a direção a ser seguida. Isto foi possível, pois durante as rodas de conversas, as palestras, a oficina, as vivências em sala de aula, momentos em que os participantes estavam juntos, com a coletividade eles interagiram bastante e ficaram à vontade. Havia muito interesse e participação, fizeram muitas perguntas, procuraram tirar dúvidas e obter informações sobre vários aspectos relacionadas à educação especial, às síndromes raras, e principalmente como dar aulas para crianças que apresentavam deficiências, inseridas em Escolas Regulares. Muitas coisas foram ditas, debatidas e (re)ditas, com relação à questão da Educação Inclusiva.

Nesse contexto, tomando como base as definições e redefinições desses dizeres, nossos registros e demais fontes da pesquisa, obtivemos como resultados a elaboração da teorização Dizeres dos Estudantes a Respeito da Educação Inclusiva.

A “*escuta sensível*” como recomenda Barbier (2007) se fez necessária e após essa escuta apresentávamos situações e juntos fomos em busca de soluções. Em uma das rodas surgiram muitos questionamentos. Ressaltamos o seguinte: Como incluir um autista com vinte anos de idade, que nunca estudou?

Primeiramente respondemos que tal questionamento, suscitava outros, como por exemplo: De que autista estamos falando? Em que nível de ensino ele será inserido? Que tipo de modalidade de ensino a escola tem a oferecer para estudantes adultos, independentemente de suas características individuais? Dentre outros questionamentos sobre EJA, autismos, educação.

Em seguida dialogamos sobre a necessidade de conhecermos a realidade sociocultural dos estudantes com os quais iremos trabalhar e a necessidade de conhecer o seu contexto escolar. E assim fomos buscando alternativas que pudessem contribuir com a prática escolar do professor que tivesse um autista - adulto analfabeto em sua sala de aula, ou uma criança com síndrome de down, atentando-se a toda complexidade e atenção necessária que envolve a educação de uma pessoa autista, ou de uma pessoa com down, seja adulta ou criança.

Durante as entrevistas percebemos que os entrevistados estavam ansiosos e demonstravam nervosismo. Perguntamos o porquê desse comportamento e as respostas estavam relacionadas ao não querer errar, os estudantes entrevistados queriam mostrar de acordo com a

LEITÃO, Wanderleia Azevedo Medeiros; GONÇALVES, Terezinha Valim Oliver. Educação inclusiva no instituto de educação matemática e científica da universidade federal do Pará: em busca do fazer pedagógico inclusivo.



n. 20 (jan. – jun. 2016), jun./2016 – Pesquisas

fala a seguir que: “[...] posso não estar preparada para trabalhar com crianças especiais, mas tenho certeza que estou disposto a aprender”⁷. Esse fato chamou nossa atenção, pois ainda nem tínhamos começado a entrevista de fato, apenas os (re) situávamos sobre a pesquisa. Outro estudante, chamado Carlos, ao perguntar-lhe se estava nervoso, o mesmo respondeu:

Nervoso eu não estou, mas confesso que estou ansioso para saber o que vão me perguntar sobre a inclusão, desde sua palestra eu não paro de pesquisar sobre inclusão, eu acho que já aprendi muita coisa, principalmente sobre o que não é inclusão. (Carlos, estudante entrevistado, 2015).

Após esclarecemos que não havia motivos para preocupações, as entrevistas aconteceram de maneira tranquila e sem problemas, pois nossa intenção era dialogar sobre a inclusão e como eles se sentiam frente à essa questão como futuros professores, com intuito de juntos buscarmos resposta, com vistas a mudanças, transformações no processo de educação de nossas crianças, jovens e adultos. Nesse sentido processaram-se as entrevistas, iniciada pela primeira pergunta:

Você já teve alguma experiência com estudantes que apresentavam necessidades educativas especiais? Caso positivo, como foi essa experiência?

Dos dez estudantes entrevistados, três responderam que não, sete responderam que sim, relatando esse fato com os seguintes depoimentos:

Foi um momento muito desafiador, encontrei bastante dificuldade, trabalhei com diversos tipos de NEE, tais como dificuldades neurológicas, autistas, hiperativos, altas habilidades, deficiências físicas e paralisia cerebral. Dentre essas, senti mais dificuldades em trabalhar com os estudantes com autismo severos. (Messias, estudante entrevistado).

Particpei do CRIE da Semec, e do Álvares de Azevedo, nessas instituições aprendi muitas coisas, principalmente em relação a como trabalhar com estudante cego, esses conhecimentos contribuíram muito para o estágio que fiz em uma escola estadual, lá eu pude acompanhar um aluno cego, ele tinha

⁷ Fala de estudante entrevistado. Para manter seu anonimato será nomeado de Pedro. Os estudantes, nesse estudo têm nomes fictícios para preservar suas identidades.



n. 20 (jan. – jun. 2016), jun./2016 – Pesquisas

acompanhamento no Álvares⁸. Foi uma experiência inesquecível. Posso afirmar que aprendi muito, principalmente com a convivência com pessoas cegas. (Rebeca, estudante entrevistada).

Sim, durante o meu estágio eu convivi com uma criança com deficiência mental, numa turma do 3º ano do fundamental. A turma tinha somente 20 crianças porque tinha uma especial. A professora da turma pediu minha ajuda, para que eu ficasse perto do menino e o ajudasse na atividade. Eu fiquei uma pilha de nervos. Não sabia o que fazer, aí passei a conversar com ele, pedia que fizesse a atividade, ele pegou a caneta e riscou toda a folha de papel. Mostrei a professora, ela deu um sorriso e disse não se preocupe, depois ele vai fazer. O menino não parava de andar pela sala. Só sentava na hora do lanche. A professora era muito dedicada e tinha muito paciência. Ela explicou que era assim mesmo, eu deveria considerar o tempo e o ritmo dele, e o que ele foi capaz de fazer. Nossa foi uma experiência e tanto. (Paulo, estudante entrevistado).

As respostas apresentadas demonstraram que os estudantes em processo de formação já estavam em contato com diferentes categorias de deficiência e já participavam dos diferentes desafios presentes na escola regular, no tocante a inserção de crianças com deficiências ou transtornos globais do desenvolvimento.

Percebemos maturidade e envolvimento na causa da inclusão ao reconhecerem as dificuldades, sem negar o quão é válido interagir com estudantes que apresentam necessidades educativas especiais, no contexto escolar. Essas experiências são momentos ricos e significativos para os professorandos.

Com base nos depoimentos perguntamos aos estudantes se o Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura Integrada em Educação, em Ciências, Matemática e Linguagens do IEMCI, contemplava a Educação Inclusiva? E de que maneira eles confirmariam, ou não isso?

Oito dos estudantes entrevistados responderam que sim, pois os professores em suas aulas expressavam preocupação com a inclusão e demonstravam a necessidade de desenvolver mais estudos e pesquisas sobre essa questão. Dois estudantes disseram que no Projeto do Curso não havia preocupação com Educação Inclusiva, pois sentiam a necessidade de mais estudos sobre o tema, uma vez que poucos professores davam aulas sobre esse assunto. De acordo com

⁸ Álvares. Trata-se da Unidade Técnica Professor José Álvares de Azevedo. A referida instituição foi criada em 1953, na cidade de Belém, na época denominada Escola de Cegos do Pará. Seu objetivo era promover a autonomia das pessoas com deficiência. Atualmente além da autonomia dessas pessoas a Unidade tem como missão a formação da cidadania e a inclusão social de pessoas com deficiência visual. Melhores informações em (NASCIMENTO, 2015, p. 35-36).



n. 20 (jan. – jun. 2016), jun./2016 – Pesquisas

esses estudantes havia apenas o professor de Libras que trabalha esse tema e mesmo assim falava da educação do surdo. Em suas concepções era preciso abordar a educação do cego, do autista, do deficiente mental, e a educação de pessoas que apresentassem outros tipos de deficiências. Esses estudantes apontaram que o grande desafio que teriam pela frente era exatamente o de como iriam lidar com esses estudantes.

Os resultados indicam que os procedimentos adotados no Curso de Licenciatura Integrada para a formação dos estudantes, estão na direção certa, demonstrando ricas possibilidades de desenvolver um ensino diferenciado e para todos. Os dizeres dos estudantes revelam futuros professores preocupados e envolvidos com a questão da educação inclusiva. Tais dizeres revelaram a satisfação que os mesmos sentem por estarem tornando-se professores, mesmo apontando as dificuldades, presentes nesse processo, os estudantes não desconsideram as possibilidades que o Curso de Licenciatura Integrada em Educação, em Ciências, Matemática e Linguagens lhes proporcionam no sentido de promover o desenvolvimento de Todos. Isto posto há de se considerar o valor que o referido Curso tem para esses sujeitos, refletindo sobre a necessidade de que possam atuar em cotidianos escolares diversificados.

97

5 CONSIDERAÇÕES

Gonçalves (2012, p. 10) ao discorrer sobre os desafios na formação dos futuros professores aponta como grandes desafios formativos o autoconhecimento e a (trans) formação, fala ainda da necessidade de não esquecermos dos desafios planetários presentes no mundo, os quais são globais e locais, alertando ainda:

[...]. Não podemos esquecer que a **indagação e a problematização** devem guiar nossos passos, mas precisamos incluir o desafio necessário do nosso autoconhecimento próprio e dos futuros professores. O **autoconhecimento** auxilia o sujeito a projetar-se, a fazer planos, a constituir-se profissional e pessoalmente. Essa constituição não termina com a conclusão do curso de graduação, do mestrado ou do doutorado. Esta formação é constante e cada vez mais compreendida como autoformação, conforme ensina Josso (2004). Pela

LEITÃO, Wanderleia Azevedo Medeiros; GONÇALVES, Terezinha Valim Oliver. Educação inclusiva no instituto de educação matemática e científica da universidade federal do Pará: em busca do fazer pedagógico inclusivo.



n. 20 (jan. – jun. 2016), jun./2016 – Pesquisas

natureza humana, somos sempre incompletos. E precisamos ter consciência da incompletude humana, para investirmos em nós e nos nossos alunos, sempre.

Concordamos com a autora e acreditamos que é preciso que os estudantes tenham consciência da necessidade do autoconhecimento e da autoformação e que nem um Curso irá prepará-los plenamente, os desafios estão postos e vão se reconstituindo cotidianamente, portanto, sempre há de se buscar meios para superá-los.

Com base nessa vivência investigativa, lúdica e instigante, almejamos que os estudantes possam realmente atuar e que nesses espaços educativos se **processem a formação de pessoas sensíveis, autônomas e criativas**. Se alcançarmos esse feito, nossas buscas tiveram sentidos, nossas vivências de ensinar e aprender se concretizaram em cotidianos escolares diversos, permeados por diferenças e singularidades, as quais serão sempre reconhecidas e valorizadas.

De uma coisa temos certeza, mergulhar nas águas barrentas dos rios da nossa Amazônia, com visibilidades reduzidas, nos motiva a ir ao alcance de rios mais profundos, visando poder ficar cada vez mais ensopadas e assim continuar mergulhando em novas realidades educacionais, e com o nosso jeito singular de ser daremos continuidade á renovação de nossos compromissos com a causa da educação, com a causa da vida, vida renovada, Transformada.

REFERÊNCIAS

BARBIER. René. **A pesquisa-ação**. Tradução de Lucie Didio. Brasília: Liber Livro Editora, 2007.

BRASIL. **Lei brasileira de inclusão da pessoa com deficiência**. Série Legislação. Câmara dos Deputados. Brasília: Edições Câmara, 2015.

_____. **Marcos políticos legais da educação especial na perspectiva da educação inclusiva**. Brasília: MEC/SEESP, 2010.

_____. **Constituição da república federativa do Brasil**, promulgada em 05/10/1988. Brasília: Senado Federal, 1988.

_____. **Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996. Diretrizes e bases da educação nacional**. Brasília: Senado Federal, 1996.

LEITÃO, Wanderleia Azevedo Medeiros; GONÇALVES, Terezinha Valim Oliver. Educação inclusiva no instituto de educação matemática e científica da universidade federal do Pará: em busca do fazer pedagógico inclusivo.



n. 20 (jan. – jun. 2016), jun./2016 – Pesquisas

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação especial**, Brasília: MEC, 1998.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial - Secretaria de Educação Básica. **Parâmetros curriculares nacionais: adaptações curriculares**, 1998.

_____. **Política nacional de educação especial na perspectiva da educação inclusiva**. MEC/SEESP, 2008.

_____. **Resolução cne/ceb nº 2 de 11 de setembro de 2001. Diretrizes nacionais para a educação especial na educação básica**. Brasília: MEC/SEESP, 2001.

CARVALHO, Rosita Edler. Diversidade como paradigma de ação pedagógica na Educação. In: **Revista da Educação Especial**. MEC/SEESP. Out. 2005.

FREIRE, P.; SHOR, I. **Medo e ousadia**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GONÇALVES, Terezinha Valim. Estudos Memorialísticos e Narrativos: 10 anos de pesquisas sobre a formação de professores de Ciências no Grupo de Estudos e Pesquisas (Trans) Formação. In: **Revista Êxitos**. Volume 01. Número 01. Jul./Dez. 2011, (p. 71-80).

_____. Licenciatura integrada em educação em ciências, matemática e linguagens: princípios e desafios para a formação de professores para os anos iniciais do ensino fundamental. XVI ENDIPE - Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino - UNICAMP – Campinas, 2012.

_____. **Ensino de Ciências e Matemática e Formação de professores: marcas da diferença**. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação, Campinas, São Paulo, 2000.

MEDEIROS, Wanderleia Azevedo. **Representações de professores sobre educação especial diante da inclusão escolar do aluno com necessidades educativas especiais na escola comum**. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 2002.

_____. **Miritibrincando, miritizando: educação, ludicidade e inclusão**. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 2006.

MENDES, E. G. Perspectivas para a construção da Escola Inclusiva no Brasil. In: PALHARES, M.S. e MARTINS, S.C. (Orgs.) **Escola Inclusiva**. São Carlos: EDUFSCAR, 2002. 61-85.

PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO DE LICENCIATURA INTEGRADA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS, MATEMÁTICA E LINGUAGENS. IEMCI, UFPA, 2012.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ. **Resolução nº 4.263, de 22 de março de 2012**. Aprova o Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura Integrada em Educação em Ciências, Matemática e Linguagens. IEMCI, UFPA, 2012.

LEITÃO, Wanderleia Azevedo Medeiros; GONÇALVES, Terezinha Valim Oliver. Educação inclusiva no instituto de educação matemática e científica da universidade federal do Pará: em busca do fazer pedagógico inclusivo.



n. 20 (jan. – jun. 2016), jun./2016 – Pesquisas

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ. Instituto de Educação Matemática e Científica – IEMCI, **Relatório de Gestão**. Belém, Pará, 2013.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ. Instituto de Educação Matemática e Científica – IEMCI, **Relatório de Gestão**. Belém, Pará, 2014.

REILY, Lucia. O papel da Igreja nos primórdios da educação dos surdos. In: **Revista Brasileira de Educação**, v. 12 n. 35 maio/ago. 2007, p. 308-326.

LEITÃO, Wanderleia Azevedo Medeiros; GONÇALVES, Terezinha Valim Oliver. Educação inclusiva no instituto de educação matemática e científica da universidade federal do Pará: em busca do fazer pedagógico inclusivo.